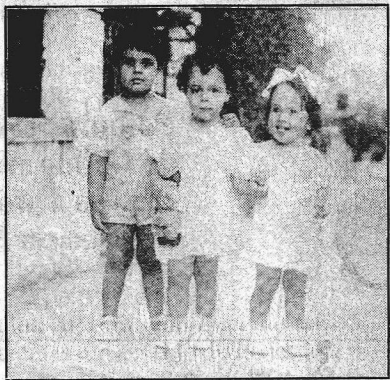




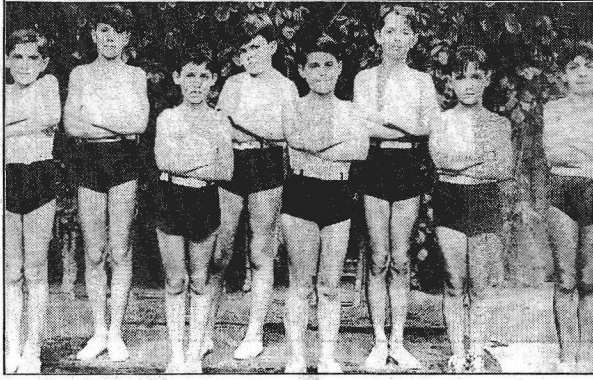
FHC, com dois anos de idade, passeando no centro do Rio



Fernando Henrique com uma amiga e a irmã Gilda



Novamente com a irmã Gilda, na casa da avó materna



Com seis anos (3º à esquerda), entre alunos do Colégio Paulista, no Rio de Janeiro



Aos 15 anos (quase fora da foto), com a mãe, o primo Leopoldo e o irmão pequeno Geraldo

O PRÍNCIPE MULATO

Fernando Henrique foi o primeiro a definir a si mesmo como um "mulato com o pé na cozinha". Ele agora, como o grande unificador acima das diferenças, pode receber das urnas a tarefa de governar o Brasil

JOSÉ CASTELLO

Quando era menino, Fernando Henrique Cardoso se olhava no espelho e via a imagem difusa de um poeta romântico e sofredor. Pôs-se a escrever versos, que chegou a publicar, mas logo essa imagem, comprimida pelo tempo, se desfez. Ao entrar para a USP, em 1949, aos 18 anos, Fernando Henrique se olhava no espelho e via a figura austera do sociólogo Florestan Fernandes, de quem se tornaria, mais tarde, assistente. Florestan era naquele tempo um weberiano ortodoxo, que praticava a sociologia como um espécie de "ciência de hospital" — neutra, aséptica e implacável. Forneceu a Fernando Henrique uma imagem de rigor e de severidade que até hoje, ainda que esmaecida, não se consumiu.

Houve um momento, mais à frente, em que Fernando Henrique se olhava no espelho e via em seu semelhante o professor Alain Touraine, o "príncipe" da sociologia francesa, e quase julgou estar vendo a si mesmo. Touraine, hoje amigo e interlocutor indispensável, tornou-se aos 68 anos um pós-socialista e um pragmático do otimismo. O sociólogo francês foi um dos primeiros profetas da morte do socialismo. Até 1978, quando aos 47 anos disputa pela primeira vez um cargo eletivo, Fernando Henrique ainda se via em Touraine, e por isso nossos intelectuais o batizaram de "príncipe" da sociologia nacional. Via-se antes de tudo como um homem de idéias — brilhante, original, destemido — para quem a política ainda era um tema, e não um destino.

A partir de meados dos anos 70, sempre que se punha diante do espelho, Fernando Henrique passou a ver por trás de si a sombra imensa de Dr. Ulysses Guimarães. Em 1975, quando o convidou para ajudá-lo a escrever o programa de sua anticomunista à Presidência pelo MDB, Ulysses funcionou como parteiro do novo Fernando Henrique: um intelectual para quem os fatos se tornavam mais importantes que as idéias. Em 1992, já no posto de chefe de governo, cristalizou-se no espelho de Fernando Henrique a imagem, desde muito latente, de Juscelino Kubitschek, o estadista ousado e realizador. Visão que até hoje perdura como pano de fundo.

Agora, porém, Fernando Henrique Cardoso se olha no espelho e vê Fernando Henrique Cardoso. E essa imagem basta. Com sua virtual subida à Presidência, ele consolida um padrão para o País: o do intelectual que coloca a realidade acima dos conceitos e que faz da racionalidade o motor da ação. Bons tempos os nossos. A eleição de 94 levou o Brasil a uma opção inédita em sua his-

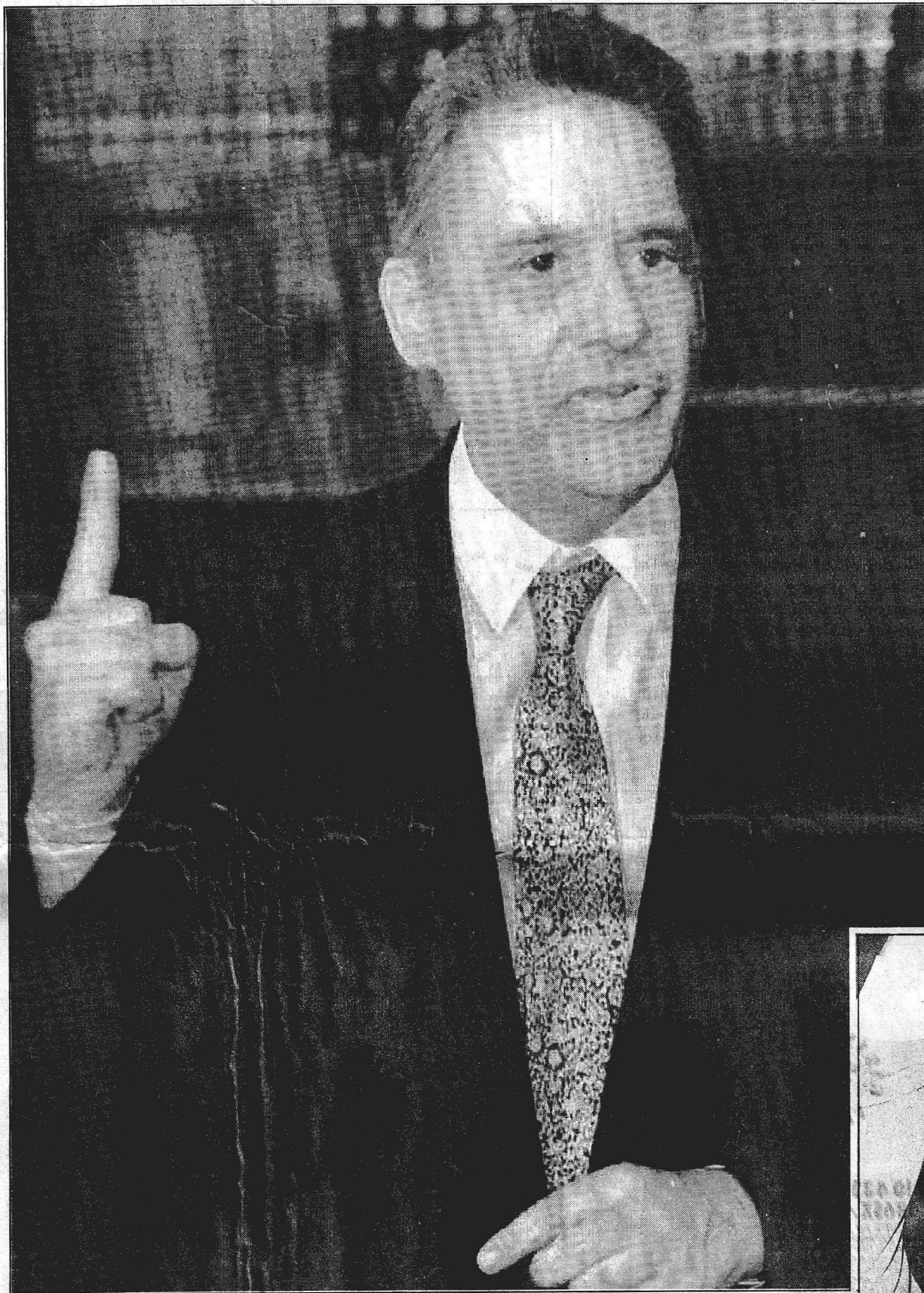
tória política: a de escolher seu presidente entre um operário e um intelectual. "A eleição de Fernando Henrique é um fato tão surpreendente quanto seria a eleição de Lula", teoriza o ex-chanceler Celso Lafer, amigo de longa data do político tucano. Ele funda, agora, a sua escola de intelectuais: de homens tão apegados aos fatos que, em dado momento, os pensamentos lhe fogem e a ação surge em seu lugar. Não devemos confundir-lo com o "intelectual engajado", ao estilo sarreano, para quem a realidade é, apenas, um palco de militância. "Fernando Henrique não é um intelectual que faz política, mas um intelectual que se transformou em político", distingue o filósofo José Arthur Giannotti, seu amigo há mais de 30 anos. Ao contrário de Jean-Paul Sartre, não tem idéias para agitar, mas para aplicar.

Outras figuras célebres podem ser tomadas como referência para ajudar a retocar o retrato de Fernando Henrique Cardoso. Podemos pensar em Rui Barbosa, o mestre da retórica, quando ele se candidatou à sucessão de Afonso Pena, no início do século. Mas Rui foi mais um advogado brihante, um homem eloquente, que um intelectual de escola. Talvez devamos pensar mais ainda em Epitácio Pessoa, o professor de Direito com farta cultura sociológica que governou o Brasil entre 1919 e 22, preparando o País

para o modernismo. Mas ele era mais um homem bem dotado intelectualmente que um intelectual. Somos obrigados, por certo, a evocar San Thiago Dantas, político de imensa erudição, que lia Proust, colecionava Gauguin e Miró e, quando se olhava no espelho, via o Dom Quixote, de Cervantes — personalidade que lhe rendeu um livro sobre o caráter do homem ocidental. Mas, a rigor, o culto San Thiago também não era um intelectual clássico.

Resta-nos, então, ultrapassar as fronteiras brasileiras e recorrer, de imediato, a Leon Blum, o filósofo francês que se tornou líder eminente do socialismo. Mas ainda não basta. Pensar em Leopold Sedar Senghor, o poeta senegalês que estudou a influência da arte negra sobre a pintura de Picasso e que se tornou o primeiro presidente de seu país após a independência. Pensar, por fim, em Vaclav Ravel, o dramaturgo que liderou a "revolução de veludo" e se tornou o primeiro presidente da Tchecoslováquia livre. São excelentes referências, mas insuficientes. As circunstâncias brasileiras mostram que Fernando Henrique, goste-se dele ou não, é uma figura ímpar.

A política, em sua biografia, não é uma ruptura nem uma metamorfose, mas um sentido dado desde o começo. Examinada com cuidado, podemos enxergar desde a juventude



FHC: determinação, rigor e severidade; no detalhe, a euforia durante a Copa do Mundo

a presença latente do político de hoje, para quem a vida intelectual parece ter sido, mais que tudo, uma via de formação. Virtualmente eleito presidente da República, Fernando Henrique Cardoso chega, para o bem e para o mal, a si mesmo.

Mas ainda há uma imagem a evocar. Saltando da República para trás, talvez devamos pensar em D. Pedro II, que por certo — dadas as medidas de seu tempo — era um intelectual. Mas Pedro II ajuda a compor, mais, uma outra imagem que parece agora, em definitivo, colada à de Fernando Henrique: a do "príncipe". "A imagem do príncipe traz a idéia de figura ímpar, de autoridade, de face diferenciada", estabelece Celso Lafer. "A da figura que tem o poder de moderar e de aglutinar". Essa imagem do "príncipe", do grande unificador regendo acima das diferenças, não fala a respeito do sangue, mas da alma. Nem se refere mais ao "príncipe da sociologia", ao es-

talo de Touraine, mas sim a um "príncipe mulato" — Fernando Henrique foi o primeiro a definir a si mesmo, publicamente, como um "mulato com o pé na cozinha" — que agora pode receber das urnas a tarefa de governar o Brasil.

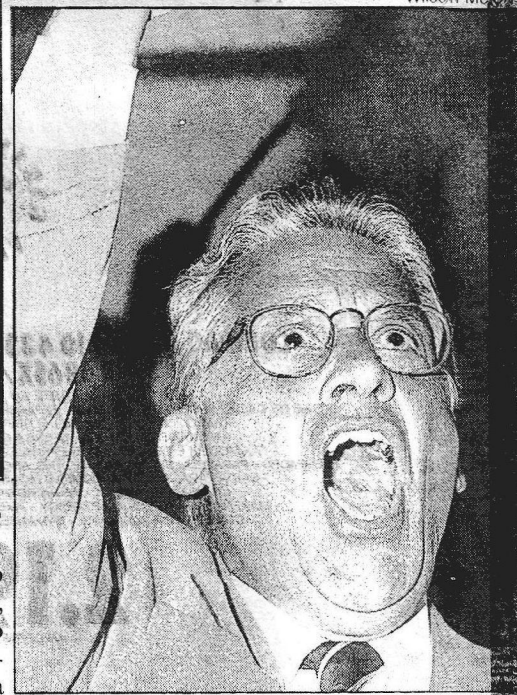
Sociólogo tem nobreza com um pé na cozinha

Fernando Henrique pode cantar como Chico Buarque, o mais célebre eleitor de Lula, em seu *Paratodos*: "O meu pai era paulista, o meu bisavô, mineiro/ meu tataravô, baiano..." Só é preciso trocar as origens. Também ele é filho de um coquetel sanguíneo farto. Seu pai, o general Leônidas Cardoso, um tenente de 22 que chegou a ser deputado em 53 pelo PTB, não era paulista, era curitibano. Seu

bisavô, Felicíssimo do Espírito Santo Cardoso, brigadeiro do Império que chegou a ser governador de Goiás, não era mineiro, era goiano. Os avós não eram baianos, mas alagoanos. E a mãe, Nayde Silva Cardoso, amazonense. Ele pode agora, mais que Lula, cantar *Paratodos* sem estar mentindo. Essa ascendência trançada em sangue tão diversos autoriza Fernando Henrique a dizer — como fez há cinco meses, em repente que muito lhe custou — que é "mulatinho". Disse ainda: "Sempre brinquei comigo mesmo que tenho um pé na cozinha." A frase, na verdade, não é sua. Repetia, apenas, uma velha brincadeira do falecido poeta Rossini Camargo

Guarnieri, primeiro amigo a destacar o lado mulato de Fernando Henrique e o primeiro a provocar, em noite remota, diante de uma mesa de lanche posta por Ruth com a assessoria do marido: "Não é que o nosso sociólogo tem um pé na cozinha?"

Eis, pois, um "príncipe" bem estranho. Ele não aparece, como se poderia esperar, no estilo imperial, na retórica imperativa, nas sentenças definitivas, atributos clássicos da nobreza. Ao contrário, o "príncipe" surge, de repente, em instantes em que o político parece se destemperar, não assim perde o fio que o liga ao real. "Eu já o vi, em um comício em Franca, a 400 km de São Paulo, dar uma pequena aula sobre a demarcação de terras na Inglaterra do século 16 para explicar sua posição em relação aos senhores brasileiros", atesta o amigo José Aníbal. "E ninguém piscou o olho". Lá está nosso "príncipe". Há duas semanas, ao fim de uma feijoadinha com a imprensa em Brasília, um Fernando Henrique, cansado fuge das entrevistas com uma ironia: "Vocês não vêem que, para mim, a campanha acabou?" Inadaptados às sutilezas reais, alguns repórteres assinam, no dia seguinte, matérias que dizem mais ou menos assim: "Fernando Henrique dá campanha por encerrada." É esse o desafio que ele agora nos oferece: sair da linearidade dos fatos e, ao estilo dos mestres formados na dialética, aprender a lidar com as contradi-



Wilson Medeiros

nhas e com os paradoxos. Como mostra Celso Lafer, Fernando Henrique pode se ver como um "rex", aquele que pacifica e harmoniza, mas deve também se ver como um "dux", aquele que inova e transforma — e é essa ambigüidade, a mistura mulata desses dois elementos antagônicos, que lhe confere realza. Basta pensar na tão elogiada aliança com o PFL. Fernando Henrique custou a convencer seus eleitores de que ela não era uma rendição, mas um golpe de mestre. Convenceu: as urnas, agora, fornecem a prova. (J.C.)

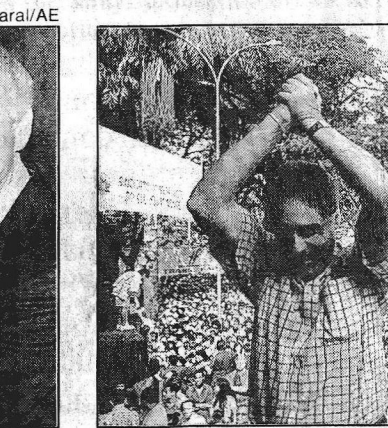
COQUETEL DE RAÇAS CORRE EM SUAS VEIAS



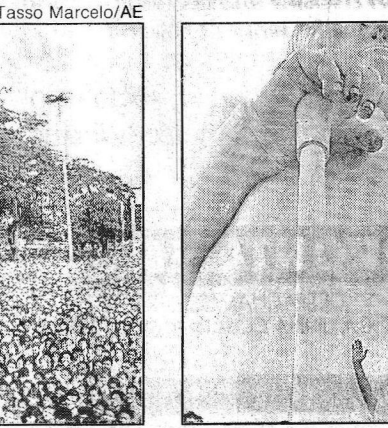
Fernando Henrique em março anuncia o real, a nova moeda



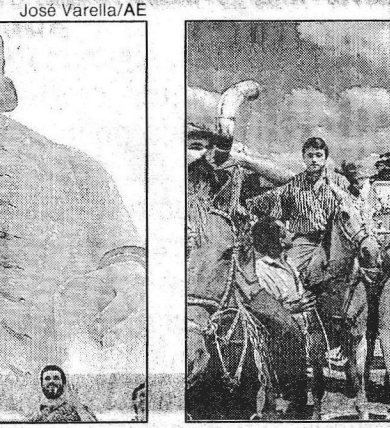
Transmissão de cargo de ministro da Fazenda a Rubens Ricupero em abril



Já em campanha, no mês de maio faz comício em Volta Redonda (RJ)



Em Juazeiro (CE), acena para devotos de Padre Cícero



Sociólogo percorre a região Nordeste e, a cavalo, busca votos pelo Estado de Alagoas em maio



Sociólogo percorre a região Nordeste e, a cavalo, busca votos pelo Estado de Alagoas em maio